

DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER À REPRESENTAÇÃO DA ÁFRICA NA ESCRITA DE FRADIQUE MENDES¹

Bárbara Silva Botelho²
Gustavo Henrique Rückert³

RESUMO

Este trabalho tem como foco de análise o romance *Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa. A estrutura do texto é formada pelas cartas que a personagem Fradique Mendes, apropriada por Agualusa do escritor português Eça de Queirós, escreve a partir do momento em que desembarca em Angola no século XIX. Interessa-nos, particularmente, a representação que Fradique faz das personagens femininas nessas cartas, bem como a importância de seus discursos para a formação do discurso do protagonista, que passa de colonial para pós-colonial. Assim, as representações das personagens angolanas Gabriela Santamarinha e Ana Olímpia são entendidas como metonímias das representações que o protagonista faz da África em suas cartas.

Palavras-chave: *Nação crioula*. Agualusa. Pós-colonialismo. Discurso. Mulher.

ABSTRACT

This study analysis the novel *Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, by the Angolan writer José Eduardo Agualusa. Letters written by Fradique Mendes (character that Agualusa appropriated of Portuguese writer Eça de Queirós) when landed in Angola in the nineteenth century form the structure of the text. The representation of female characters by Fradique in this letters, as well as the importance of his discourses to the formation of the discourse of the protagonist, which changes from colonial to post-colonial, are especially important for this paper. Thus, the representations of Angolan characters Gabriela Santamarinha e Ana Olímpia are understood as metonymy of representations that the protagonist makes of African in his letters.

Keywords: *Nação crioula*. Agualusa. Post-colonialism. Discourse. Woman.

¹ Este trabalho resulta de estudos produzidos no grupo de pesquisa “Os discursos literários das nações africanas”, coordenado pelo Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo com a colaboração do Prof. Ms. Gustavo Henrique Rückert.

² Acadêmica do curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Pampa. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência. Pesquisadora voluntária do grupo “Os discursos literários das nações africanas”.

³ Professor substituto da área de literatura na Universidade Federal do Pampa. Doutorando em Literaturas Portuguesa em Luso-Africanas pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Colaborador do grupo “Os discursos literários das nações africanas”.

Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes, publicado originalmente em 1997, é o terceiro romance do escritor angolano José Eduardo Agualusa. De estrutura epistolar, a narrativa é constituída a partir de cartas que a personagem Fradique Mendes, um viajante português, envia à sua madrinha, Madame de Jouarre, residente na França, seu amigo Eça de Queirós, Portugal, e Ana Olímpia, Angola. Por fim, após a morte de Fradique, há uma última carta, esta escrita por Ana Olímpia e endereçada a Eça. É importante ressaltar que Fradique Mendes é uma personagem criada por Eça de Queirós, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis na segunda metade do século XIX. Tratava-se de um poeta satânico, viajante do mundo e de grande requinte que servia como porta voz de ideias do grupo que estavam na contramão do senso-comum da sociedade portuguesa. Agualusa apropria-se dessa personagem da literatura portuguesa para levá-la a Angola, no ano de 1868, e, assim, representar os discursos colonial e pós-colonial que vão surgindo nas descrições que faz do país africano, bem como de seus hábitos culturais.

Segundo Ana Mafalda Leite (2003, p. 17), “[...] as variáveis do colonialismo europeu produziram uma continuidade e similaridade de situações, manifesta nas formas e práticas de escrita”. O narrador português de *Nação crioula*, Fradique Mendes, traz essas variáveis na escrita de suas cartas, claramente perpassadas pelo discurso colonial. Com o passar do tempo e a partir das vivências em Angola, o discurso colonial vai sendo gradativamente desconstruído, dando lugar ao discurso pós-colonial em sua escrita.

Cabe ressaltar aqui que o termo pós-colonialismo, embora em suas primeiras utilizações pelos historiadores ingleses depois do término da Segunda Guerra Mundial estava ligado à ideia de pós-independência das antigas colônias, tendo um valor, portanto, cronológico, é aqui utilizado em outro sentido: o epistemológico. Para Ana Mafalda Leite (2013, p. 12), “o termo *pós-colonialismo* pode ser entendido como incluindo todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas, teóricas) que frustram a visão colonial”. Assim, quando afirmamos que o discurso de Fradique altera de colonial para pós-colonial, nos referimos ao seu modo de entender a própria situação do colonialismo, passando da assimilação de seus discursos e práticas para a produção de reflexões críticas sobre esses mesmos discursos e práticas.

Outro aspecto importante para esta leitura é a noção de discurso. Apoiamo-nos nas reflexões de Michel Foucault para entendê-lo de modo estreitamente relacionado ao poder e ao desejo. Para o filósofo francês, “o discurso [...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (2010, p. 10). Sendo assim, mais do que uma simples produção de entendimentos sobre as coisas, o discurso forma a própria noção das coisas a partir de interesses específicos na relação de poder e desejo entre o enunciador e o objeto enunciado. Por isso sua importância tão grande e sua configuração como um objeto de disputa.

No decorrer da escrita de suas cartas, Fradique se apossa do discurso de outras personagens com quem convive ou conviveu para expor ideias e perspectivas com relação à colonização e à escravidão. Essas personagens são portuguesas, francesas, brasileiras, angolanas, moçambicanas etc. A apropriação do discurso, mais especificamente, das personagens femininas, sempre carregada de significados, é de suma importância para a transição que ocorre em seu próprio discurso, de colonial para pós-colonial, como vamos analisar nas linhas que seguem.

Logo em sua primeira carta, destinada à madrinha, Madame de Jouarre, Fradique descreve sua chegada em Luanda. Desembarcado às costas de dois angolanos da região de Cabinda, o que simbolicamente define sua posição enquanto colonizador, demarcando seu *locus* discursivo, faz uma descrição do solo africano a partir dos aromas que sente. Eis a primeira impressão de Fradique em relação a Luanda.

Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais subtil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África. (2001, p. 11).

O choque inicial, causado pela abismal diferença cultural do dândi europeu em relação à África, ao invés de provocar sua curiosidade e a vontade por compreender a cultura local, provoca a negação do outro a partir de sua representação por signos como o cheiro ruim, a sujeira e a melancolia. “Havia deixado para trás o próprio mundo” (2001,

p. 11), lamenta Fradique na mesma carta. Não por acaso, Boaventura de Sousa Santos, em seu artigo intitulado *Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade* (2010), mostra justamente que os mesmos símbolos eram utilizados pelos demais europeus para representar os portugueses. Entre eles, Boaventura traz como exemplos o sociólogo francês Paulo Descamps, que fala sobre a propensão do português para a melancolia e o saudosismo (BOAVENTURA, 2010, p. 255), e o poeta inglês Lord Byron, que descreve em carta o aspecto de sujeira da terra lusa e de seus habitantes:

Palácio e cabana são igualmente imundos; seus morenos habitantes educados sem asseio; e ninguém, fidalgo ou plebeu, cuida da limpeza do casaco ou da camisa [...] os cabelos por pentear, mal asseados, indiferentes (BYRON apud BOAVENTURA, 2010, p. 253).

Dessa forma, o discurso presente na representação que Fradique faz de Angola, logo em seu desembarque, é uma forma de reivindicar uma identidade a partir do signo da civilização para Portugal. Podemos entender essa estratégia discursiva típica da colonização europeia, que é a negação dos valores do outro para a autoafirmação identitária, como uma espécie de mecanismo de compensação, já que o português ocupou esse lugar do outro frente à Europa.

Posteriormente, também em carta destinada à madrinha, Fradique narra sua participação em um tradicional baile da alta sociedade luandense. No evento, ele é apresentado à Gabriela Santamarinha, a primeira personagem feminina citada em suas cartas. Pode-se perceber a importante relação entre essa figura e Luanda (e ainda o entendimento que Fradique faz do local), pois “[...] ser apresentado a ela é quase como um ritual iniciático [...]” (2001, p. 22).

Essa relação fica evidente quando Fradique descreve suas características, que remetem aos signos com que descreveu Luanda em seu desembarque; e faz comparações. “Ao vê-la recordei-me de uns versos do poeta brasileiro Gregório de Matos, descrevendo uma negra crioula: <<Boca sacada com tal largura/que a dentadura/passeia por ali desencalmada>>” (2001, p. 22). Também fala do seu odor, assim como se referiu ao odor da África. “<<Mas nunca perdeu o fedor original, e por isso

também lhe chamam o Abominável Monstro das Retretes>>” (2001, p. 22).

Ainda na mesma carta, ele descreve Ana Olímpia, a segunda personagem mulher a quem é apresentado no Baile, também importante para a sociedade local. Ana Olímpia é uma negra, ex-escrava, casada com um homem poderoso na sociedade luandense. Dele recebeu ampla formação em relação à cultura ocidental. No entanto, seu conhecimento era híbrido culturalmente, pois não se limitou a essa formação e estudava profundamente as culturas africanas. É através da constituição de sua imagem que ele passa a reconstituir sua primeira impressão do local. A partir do contato com Ana, o narrador assume uma nova posição, a posição de curiosidade, de busca pelo entendimento e pelo conhecimento. Assim, as descrições prévias a partir da negação de uma identidade que o português reivindicasse para si, com suas considerações do outro como objeto definido e definível, vão dando lugar à consideração do outro como potencialidade significativa de um sujeito. “Ao vê-la – à mulher mais linda do mundo – logo naquele momento me reconciliei com a humanidade e os meus olhos se abriram com outro interesse para este país e as suas gentes” (2001, p. 23).

Posteriormente, quando Fradique escreve para Ana Olímpia, por quem nutre profunda admiração e interesse, ele revela que a lembra ao pensar na África. “[...] procuro entender os segredos da África. E penso em si. Penso muito em si. No meu espírito desorganizado a sua imagem de alguma forma me esclarece e anima” (2001, p. 29). Se Ana passa a ser uma representação metonímica da África para Fradique, o encanto e os sentimentos que dirige a ela passam a ser dirigidos também ao local anteriormente despido de qualidades nas descrições à madrinha em sua chegada.

Em outra passagem do romance, em uma nova carta à Madame de Jouarre, Fradique cita uma “rancorosa tese” da madame Kirkovitz, personagem feminina do romance que conhecera no passado, que ele descreve como uma tentativa de explicação científica para as suas desilusões empíricas, já que no Brasil vira tantos homens, entre eles seu marido, trair suas esposas com as negras e as mulatas. “<<Há no sangue das negras um principio acre que primeiro cativa e depois atrofia e destrói o coração dos homens brancos>>” (2001, p. 35). O narrador contrapõe a imagem das negras e das mulatas à da própria madame, descrita por ele com

os seguintes adjetivos “loira, fria e amarga” (2001, p. 35). Fradique já está suficientemente próximo de Ana, conseqüentemente de Angola, para concordar com o discurso colonial da madame, amparado no cientificismo, na animalização e na hipersexualização do colonizado. Contudo, relembra da tese por perceber que está profundamente ligado sentimentalmente à Ana e à sua cultura.

À medida que convive com Ana Olímpia, Fradique vai compondo uma nova imagem da África em suas cartas, pois o discurso da angolana, apenas interdito nas cartas, influencia seu discurso. Ana é representada em correspondência à madrinha como uma “mulher lúcida, forte e com opiniões” (2001, p. 39). Foi assim também que ele passou a enxergar o país, através dos olhos dessa personagem. Fradique faz uma comparação entre as ações de Gabriela Santamarinha e Ana Olímpia e, através dessa comparação, apresenta duas visões sobre a escravidão, já que as duas chegaram a ter escravos (a primeira por prática; a segunda por herdá-los do marido, embora não concordasse com esse sistema e os libertasse): e acrescenta que “é justo reconhecer, porém, que os luandenses são normalmente menos cruéis que os Portugueses.” (2001, p. 40).

Já Gabriela Santamarinha goza de justa fama de bruta. Eu próprio a vi, certa vez, castigar uma infeliz criança batendo-lhe nas costas das mãos com uma palmatória, e com tal violência que o sangue saltou manchando o vestido da senhora. A pequena foi então amarrada a um pau, inteiramente despida, e Gabriela marcou-lhe o dorso a chibatada.” (2001, p. 40).

Ao libertar os trabalhadores das suas fazendas Ana Olímpia conseguiu demonstrar uma das principais teses do movimento emancipador – a de que qualquer homem trabalha mais e melhor em liberdade, sendo o pagamento dos salários compensados pelo aumento das colheitas.” (2001, p. 40).

Após deixar Angola para ir à Europa, Fradique passa a remeter cartas à Ana Olímpia. Por meio delas, fica evidente ao leitor do romance o relacionamento entre ambos. Em uma dessas cartas, ele, o viajante aventureiro, desapegado de pertencer e estabelecer sua vida a partir de territórios, revela um sentimento de pertença a Angola. O discurso de Ana Olímpia, assim como seu sentimento por ela, fizeram com

que visse esse país com outro olhar, assumindo assim um discurso sobre a colonização a partir da pertença ao país africano. “Hoje sei que estava a tua procura. Sei que és o meu destino, a minha pátria, a minha igreja. Sei que ao deixar Luanda fez-se Dezembro e que desde então o Inverno ronda como um lobo esfomeado a minha volta” (2001, p. 44). A representação de seu país e de sua cultura também sofre alterações com a transição de sua forma de entender o mundo, que passa de uma visão colonial para uma visão pós-colonial:

Pretende Darwin que os homens descendem do macaco e na maior parte dos casos será assim – foram descendo. Creio, porém, que com minha família aconteceu o inverso, e ela se foi erguendo desde esse símio original até o rude lusitano. Veio depois Afonso Henriques, vieram gerações de marinheiros e navegantes, os Açores foram descobertos e povoados, e nasci eu.” (2001, p. 44).

Depois do seu intenso convívio com Ana, Fradique revela que a ideia inicial da África e dos africanos não era como parecia e, através de Ana Olímpia, percebe o quão relativa era a ideia de civilização que continha o discurso colonizador. Quando escreve “e nasci eu” (2001, p. 44), ele mostra certa oposição à linhagem lusitana, embora a inevitável descendência. Esse é o entre-lugar crítico apropriado à crítica pós-colonial, como ressalta Ana Mafalda Leite (2003, p. 22): “entre o culpado, que personifica a imagem do colono, e a vítima, que encena o colonizado, haverá certamente um lugar mais distanciado e, provavelmente, mais neutro de encarar os factos da história e os da literatura”.

Em uma das cartas que destina à Ana Olímpia, Fradique relata a nova condição de Gabriela Santamarinha: “[...] está ainda mais feia (nisto eu não acredito porque não é possível!), e a tal ponto enlouquecida que já ninguém se relaciona com ela.” (2001, p. 112). Como analisado anteriormente, Gabriela poderia ser entendida como uma metonímia da primeira Angola de Fradique, a do preconceito do colonizador que a caracteriza pelos signos da sujeira, do cheiro ruim e da melancolia. Assim, figurativamente, é possível compreender que aquele discurso foi completamente superado por Fradique, já não sendo visto como dotado de qualquer razão ou passível de qualquer relação consigo.

A importância das personagens para a constituição de um discurso pós-colonial em Fradique fica mais evidente no nível simbólico com o nascimento de sua filha com Ana Olímpia, Sophia, que carrega na etimologia do próprio nome o conhecimento. Conhecimento esse que não é aquele dos tradicionais pre(con)ceitos cientificistas do colonizador, tampouco de reações de igual proporção dos colonizados, mas símbolos da cultura híbrida típica do entre-lugar do sujeito pós-colonial.

Receio que Sophia seja igual a mãe. Aos três meses já grita pelos seus direitos, e com tal vigor que afugenta os pássaros e alarma os cães;[...] Sophia é uma criança forte, saudável, com grandes olhos negros, intensos, atentos à vida em seu redor, e um sorriso confiante, de quem se prepara para conquistar o mundo. Há de conquistá-lo." (2001, p. 129-130).

Já ao final de sua trajetória, Fradique relata em carta para Eça de Queirós (o próprio escritor português, um dos criadores de Fradique, é uma personalidade da qual se apropria Agualusa, tornando-o um amigo pessoal de Fradique) um debate entre ele e Ana Olímpia sobre o colonialismo português. A partir da imagem de um cavaleiro que observam, constroem uma metáfora sobre o tema:

O homem deixava-se levar pelo animal, quase deitado, quase caindo, o chapéu tombado sobre os olhos. E por instantes acreditei que estivesse morto ou adormecido. <<Incrível">>, comentei para Ana Olímpia, <<já reparou como aquele homem vai montado?>>

– Montado? – estranhou a minha amiga – chamas àquilo montar?! Ele vai é depositado!...

Penso naquele cavaleiro como sendo Portugal montado em África. Montado, não, depositado. A nossa presença em África não obedece a um princípio, a uma ideia, e nem parecer ter outro fim que não seja o saque dos africanos. (2001, p. 132).

Ao se comparar essa leitura que Fradique faz do colonialismo português com a inicial descrição que faz do solo africano, fica evidente a transformação pela qual passou o seu discurso. Se Bakhtin (1986) nos ensina que um discurso é formado, inevitavelmente, pelo discurso dos outros,

já que a intersubjetividade precede a subjetividade, fica evidente a importância das palavras interditas das personagens femininas, sobretudo Ana Olímpia, para o aprendizado por que passou Fradique, alternando de uma visão colonial para uma visão pós-colonial. Seu discurso pós-colonial é formado, portanto, por discursos alheios coloniais e pó-coloniais, embora nem sempre apareçam explicitamente em suas correspondências. Dessa forma, a África, metonimicamente representada em suas mulheres, que era vista inicialmente como um mero objeto, fixo, estável, passível de descrição e de apropriação por Fradique, atua ativamente na sua formação crítica, colonizando assim o discurso do próprio colonizador.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 2010.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

QUEIRÓS, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes**. Lisboa: Livros do Brasil, 1999.

RÜCKERT, Gustavo. **Nação crioula: o Caliban no Próspero, o alheio no próprio**. In: Anais do Seminário Internacional Sul de Literatura Comparada. Disponível em: <<http://wwlivros.com.br/Vcoloquio/artigos/GustavoHenriqueRuckert.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade**. Porto: Afrontamento, 2002.